O NEOLIBERALISMO COMO 'PRODUTOR' DE MEMÓRIAS, IDENTIDADES, SUBJETIVIDADES E UM ENFRAQUECIMENTO DO PODER DE CRIANÇÃO

COSTA, Leandro Santos
Mestrando do Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
lleo-sc@hotmail.com

SALZTRAGER, Ricardo
Orientador e Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
ricosalz@uol.com.br

Introdução

Essa pesquisa é importante, pois compreende o neoliberalismo como parte de processos subjetivos e intersubjetivo social, também, como partes dos fenômenos das desestabilizações de massas e uma ideologia que cria não só imagens, mas identidades, subjetividades, assujeitamentos e memórias. Não se pretende analisar apenas o poder e a instituição, mas também examinar como determinados sujeitos conduzem a si mesmos. Assim, desloca-se a história do conhecimento para a produção dos saberes e das memórias que vem 'descrevendo' a existência, pelas práticas dos discursos, das organizações e sua maneira de constituir as matrizes normativas.

Essa pesquisa é dividida em 3 eixos: Analisar como Foucault e Deleuze contribuem para uma interpretação das mudanças, disciplina e controle; Compreender os rompimentos dos valores tradicionais perante as mudanças aceleradas e transformações simultâneas nas novas identidades de sujeitos; Problematizar como o neoliberalismo em sua figura globalizante e consumista, está criando novas formas de identidade, subjetivações, assujeitamentos e como esses atravessamentos minam os fluxos dos acontecimentos, criando sujeitos sem referências e que não se encaixam em suas vidas.

1. Fundamentação teórica

O capitalismo inverte a relação de valores entre sujeitos/objetos a nível de seus próprios desejos, tornando uma calça, por exemplo, uma coisa com essência, isto é, um quase 'sujeito', e o sujeito acaba se tornando um objeto para seu determinado desejo. Assim, os objetos ganham essências no capitalismo, tornam-se parte das práticas diárias da sociedade, isto é, consumista e comunicativa.

O sujeito não é mais dono da força de trabalho, mas alienado a ser 'colaborador

da empresa ou um 'agente' neste estado social. Uma maquinificação (dos Tempos Modernos chappliana), gélida e pálida, onde o sujeito náufrago em seus assujeitamentos socias são condenados por suas condições, e se, porventura, nascer em um ambiente miserável é culpado de sua condição, pois o capitalismo supostamente dá oportunidades a todos 'meritocraticamente'. Foucault (2003), fazendo crítica a essa mentalidade, mostra que os sujeitos são fundados por suas condições sócio/político/culturais, ou seja, várias circunstâncias ou assujeitamentos podem determinar um sujeito além de sua vontade 'meritocrática de mudar'.

Por isso, deve-se indagar: crise econômica ou existencial? A existência afetou a economia ou a economia enquanto forma de existência afetou os sujeitos? A globalização 'rompe' com o tradicional e esse rompimento causou uma sensação de crises nos sujeitos, marcados agora pelo consumo, no qual é preciso ter para ser. Essa forma social cria novas subjetividades e esse rompimento com o antigo criou fraturas nos sujeitos. Fragmentadas contemplam seus 'cacos' juntando em miúdos quaisquer. Que buscam se abrir ao mundo fechado em suas tradições, são liberais e conservadores, são complexos e contraditórios, usando-se das palavras de Deleuze, e uma licença poética, são 'esquizamente frenéticos capitalistas'. Comportamento vicioso, hipocondríaco e violento.

Foucault (2010), partindo das reflexões da Modernidade e do Iluminismo, percebe que esse sujeito – que é uma criação moderna – "se molda" na concepção de progresso, em que o novo se torna melhor que o antigo, da mesma forma que o indivíduo ganha um "altar", ou melhor, uma subjetividade que será seus lugares de verdades, origens dos valores, de certezas, apropriações de ideias, *et al*. Assim, a construção do 'eu' e da subjetividade, partindo de pensadores contemporâneos, percebe como a globalização, também, nos abre aos mundos culturais, fazendo surgir novos paradigmas sociais, como também a derrocada de valores tidos como tradicionais e paralelamente, faz surgir novos universos, como cultura (pelos conflitos e criações).

2. Resultados alcançados

A ideia de Estado Mínimo, é uma ruptura com o Estado Keynesiano (estado de bem-estar social), o colapso do bloco socialista foi um dos grandes argumentos das teses de Estados Interventores e Economias Planificadas prejudiciais a economia. Outras grandes contribuições foram as deliberações do FMI, Banco Mundial e Tesouro Norte Americano, que ficou conhecido como "Consenso de Washington" (1989). Esse tinha

como meta influenciar países, a exemplo, latino-americanos, endividados que diminuíssem os gastos reduzindo a intervenção Estatal sobre as atividades econômicas.

Entre 1937 e 1940, são publicados dezenas de artigos e livros neoliberais, como a obra de Walter Lieppmann, “The Good Society” (1937). Em 1938 é realizado o Colloque Lieppmann, tendo nela os teóricos da escola austríaca Hayek e Mises, nesta fase, também, surge o "Comité international d'étude pour le renouveau du libéralisme". A escola austríaca renova e fortalece no pós-guerra o que veio a ser conhecido como Estado Minimalista, estes são os responsáveis pela roupagem do sistema Neoliberalista. Partindo desse pressuposto, percebe-se a tentativa de uma “internacional neoliberal”.

O universo contemporâneo, exigindo novas formas de relação em sua construção, afetou a subjetividade e mudou o sujeito. Tornando-o expectador, como se percebe, analisando essas ideologias, a mídia o informa na medida em que (de)forma suas existências, gerando não só as identidades, mas também o que é a relação, a construção de sua memória sobre si mesmo e o próprio eu. A sociedade do século XXI passa por fragmentos e recortes de suas subjetividades, de suas identificações, de suas referências históricas, políticas e sociais, principalmente pelas razões do sujeito ter agora várias formas de ser perante o discurso consumista que lhes vem sendo projetados. Desta maneira, não buscará em si, mas vai diluindo o seu eu, ao que vem externamente se torna sua própria referência (FOUCAULT, 2010).

Por isso pensar-se-á a subjetividade e a ‘dessubjetivação’ das práticas ‘assujeitadas’, que se relaciona consigo e com o outro a partir de várias pré-essências. Foucault, quando apresenta a “ontologia do presente” nos destaca alguns pontos sobre essa subjetivação e dessubjetivação. Para podermos analisar a nossa sociedade, devemos, para ele, deslocar o eixo da história do conhecimento para análises dos saberes e das memórias que vem nos descrevendo a existência. Persiste em analisar as coisas, os objetos e os saberes pelos vieses das práticas discursivas e do modo como se organiza e se constitui as matrizes normativas destes saberes. É importante não apenas pensar o poder e o lugar da instituição, mas examinar também como determinados sujeitos se conduzem a si mesmos, a sui generis, nesses processos históricos atuais (DELEUZE, 2010).

O eu cartesiano se diluiu para um eu marcado pelas múltiplas imagens de si ofertada pelo consumo contemporâneo. Pode-se ser tudo, menos ser si mesmo. Por isso que, para Severiano (2007), o apelo ao consumo de ordem subjetiva não dá peso ao objeto

pelo valor ou utilidade, mas vende ao sujeito poder, segurança, juventude, estilo de vida, estruturante da identidade dos indivíduos, para proporcionar o estabelecimento dos vínculos sociais. Para Bauman "a sociedade pós-moderna envolve seus membros primariamente em sua condição de consumidores, e não de produtores." (2001, p. 90-91). O problema de ter uma vida estabelecida pela sociedade de consumo é que além dela, não temos normas e formas, somos orientados pela sedução ou por desejo sempre crescente e quereres voláteis.

Conclusões

A sociedade do consumo, do entretenimento e finanças, satisfaz o ego espiritual com a vontade materialista isolada – como nos grandes shoppings – da realidade (mas unidos em estabelecimentos que 'criam' realidades). A era digital marca como nunca se vira revoluções e mudanças nas formas de ser das sociedades em quase todo o mundo. Para entendermos melhor, na modernidade a subjetividade era uma compreensão de si mesmo, com (auto) referência a partir de si mesmo. Hoje, em pleno 2020, a subjetividade paradoxalmente se autocentra a partir da exterioridade, uma perspectiva ético-estética, mas com referências do outro, de si e do mundo pelo midiático (nesta economia psíquica). O fato de tornar líquida a identidade, a memória, o sujeito, que a encontra *à souvenir*, se sente vazio. Por isso, o preenchimento está no enaltecimento do eu, que minando o cotidiano se fortalece no mundo da mídia, da publicidade, moda e perde o seu valor mais rápido. Vivendo entre a Economia atual, um Vírus e uma Necropolitica, que banaliza a vida perante as cifras de um modo de produção social.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida.* Trad. Plinio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo:* Capitalismo e Esquizofrenia; trad. De Luiz B. L. Orlandi. — São Paulo: Ed. 34, 2010.

EAGLETON, Terry. *A ideologia estética*. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982); trad. Marcio Alves da Fonseca e Salma Annus Muchail. – 3° ed. – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2010. – (Obras de Michel Foucault)

_____. ***Ditos e escritos***. Org. Manoel Barros da Motta; Tradução de Vera Lúcia

Avellar Ribeiro. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
SEVERIANO, M. Consumo, Narcisismo e identidades contemporâneas. Uma análise psicossocial. – Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.